

Seguindo bugios-ruivos nas paisagens citadinas do bairro do Lami, Porto Alegre: etnografia visual das relações humanimais na urbe

Following the red-headed howler monkeys in the urban landscapes of the Lami neighborhood, Porto Alegre: visual ethnography of human-animal relations in the city

Flávio Leonel Abreu da Silveira ¹

<http://lattes.cnpq.br/1972975269922101>

<https://orcid.org/0000-0001-9421-5966>

flabreu@ufpa.br

1 - Professor Associado IV da Universidade Federal do Pará (UFPA) Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) Pesquisador 1D do CNPq



Resumo: O ensaio fotoetnográfico que apresento decorre da minha experiência de etnografia de rua no bairro do Lami (Porto Alegre), que buscou compreender as complexas relações interespecies mantidas entre moradores locais e os bugios-ruivos (*Alouatta guariba clamitans*), em contexto marcado pela alta biodiversidade presente nas paisagens citadinas. Nestes termos, a experiência etnográfica exigiu do antropólogo em campo atenção às interações humanas, ampliando o escopo da observação participante e abrindo horizontes reflexivos para uma ecoantropologia urbana.

Palavras-chave: cidade, bugios-ruivos, extinção, ecoantropologia urbana.

Abstract: *The photoethnographic essay that I present arises from my experience of street ethnography in the Lami neighborhood (Porto Alegre), which sought to understand the complex interspecies relationships maintained between local residents and howler monkeys (*Alouatta guariba clamitans*) in a context marked by high biodiversity present in city landscapes. In these terms, the ethnographic experience required the anthropologist in the field to pay attention to human interactions, expanding the scope of participant observation and opening reflective horizons for urban ecoanthropology.*

Keywords: *city, howler monkeys, extinction, urban ecoanthropology*

A etnografia contemporânea, enquanto ofício do/a antropólogo/a, tem experimentado significativas transformações epistemológicas de fundo teórico-metodológico, principalmente no que se refere ao reposicionamento do olhar que o/a pesquisador/a lança ao objeto sensível no âmbito das pesquisas que conduz na atualidade. Refiro-me às formas pelas quais a Antropologia tem se voltado aos não humanos e, para o caso que me interessa neste ensaio fotoetnográfico, aos animais silvestres e suas complexas interações com coletivos humanos no mundo urbano contemporâneo. Sendo assim, uma guinada subjetiva nas maneiras como cotejamos o objeto de pesquisa está associada a perspectivas que re-situam o humano no jogo intersubjetivo multiespécies, ou ainda, nas formas como jogamos o social num contexto interespecies onde mundos-próprios (Uexkill, 1933) se conectam ecologicamente. Ora, a inspiração simmeliana (1977, 1988) aqui é evidente justo porque a socioantropologia e o

caráter micro-sociológico da abordagem do autor, aliada à multiplicidade de seus interesses — a fenomenologia das formas em relação, as associações possíveis, as coisas diversas — legou pistas riquíssimas que nos permitem trilhar caminhos com horizontes amplos.

Neste sentido, o tipo de perspectiva que Simmel fornece sobre temas como a paisagem e a ruína, as formas de sociação e o conflito, por exemplo, são fundamentais para pensarmos as cidades como espaços para as manifestações sistêmicas ligadas às complexidades que se entrelaçam/orbitam em torno de ecologias conexas — evocadoras de uma ecosofia, no sentido de Guattari (1990), e sua inspiração batesoniana; na abordagem de Maffesoli (1980;2017)

desde uma linhagem durandiana — já que uniria a ecossistêmica à simbólica na medida em que o socius mobilizaria suas potências na constante (re)configuração da urbe enquanto expressão formal de coexistências mais-que-humanas. O processo aqui, no sentido elisiano (1980), é o de configuração pela via de arranjos e constrangimentos para a produção de “teias de interdependência” que dinamizam um oikos partilhado, no caso a cidade, de alteridades diversas e intersubjetividades que se emaranham em redes de significados que só podem se manter pulsantes em relação às redes ecossistêmicas de maneira tensional. Portanto, onde florescem plantas também florescem símbolos, e certamente há animais interessados nelas, assim como os humanos que se voltam à interação dando sentido aos elos, sendo eles mesmo parte de suas figurações: (con)formando paisagens na medida em que são parcela de sua expressão fenomênica, que constituem suas auras e seu devir paisageiro no espaço-tempo da cidade e suas vibrações mais ou menos harmônicas.

O antropólogo na figura do narrador (Rocha; Eckert, 2005), ou ainda, daquele que transcreve sua experiência vivida com os outros humanos e não humanos — a etnografia em ato — e a inscreve — a etnografia enquanto texto: uma paisagem textual intersubjetiva — oferta imagens ao leitor. Tais imagens que se emanam do texto, também fulguram como formas que a câmera nas mãos capta pelo sensível da interação: revela o prosaico da coexistência, traz pontos de vista acerca de uma ecologia mundana tocada pelo imaginário da cidade, que nela, desdobra-se em visões de natureza e em formas de socialidade para e com os “naturais”, onde uma naturezacultura vincula-se às maneiras pelas quais uma comunidade de destino, pelo seu trajeto antropológico, produz seu devir paisageiro e seus modos de coexistir em termos multiespécies ao longo de tempo, redesenhando o espaço citadino. Enfim, engendra ambiên-

cias, produz atmosferas e ecologias possíveis.

O ensaio fotoetnográfico¹ que apresento é fruto de uma experiência de campo vivida no bairro do Lami e arredores, situado na zona sul de Porto Alegre, ao longo do segundo semestre de 2018 e parte do primeiro de 2019. Trata-se de uma região banhada pelo lago Guaíba onde está situada a Reserva Biológica José Lutzenberger. A área estudada constitui-se num dos pontos de encontro entre os biomas da Mata Atlântica e do Pampa em território riograndense. Minhas deambulações interessadas pelas ruas do Lami buscavam compreender as interações entre humanos e bugios-ruivos (*Alouatta guariba clamitans*), espécie de primata neotropical criticamente ameaçada de extinção. Ao seguir os itinerários urbanos dos primatas, eu conhecia as formas pelas quais praticavam o bairro, na medida em que descobria as formas sensíveis da vida social cidadina (Sansot, 1979), onde as pessoas cotidianamente convivem com uma das porções mais biodiversas da capital gaúcha. A etnografia de rua que realizei no bairro, se tinha os pés no chão, certamente, tinha os olhos nas árvores, tanto àquelas presentes nos espaços públicos quanto nos quintais dos moradores.

A conservação dos bugios-ruivos no Lami é, por certo, a possibilidade da continuidade de modos de vida de seus moradores, da manutenção de formas de interação multiespécies na urbe, considerando a sua expansão ordenada e as transformações de suas paisagens ao longo do tempo que levem em conta as paisagens urbanas mais-que-humanas na contemporaneidade.

Referências

DURAND, G. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Lisboa, Presença, 1989. ELIAS, N. Introdução a sociologia. Lisboa: Eds. 70, 1980.

GUATTARI, F. As três ecologias. Campinas, Papirus, 1990.

MAFFESOLI, M. “L’homme contradictoire”. In MAFFESOLI, M. (ed.). La galaxie de l’imaginaire. Dérive autour de l’ouvre de Gilbert Durand, Paris: Berg International, 1980, p. 37–47.

_____. Écosophie. Une écologie pour notre temps. Paris: Les Éditions du Cerf, 2017.

MOORE, J. W. (ed.). Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland: Kairos Books, 2016.

ROCHA, A. L.; ECKERT, C. O tempo e a cidade. Porto Alegre: EdUFRGS, 2005. . Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da

vida urbana. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

SANSOT, P. Les formes sensibles de la vie sociale. Paris, PUF. 1979.

_____. Variations paysagères. Paris: Klincksieck, 1983.

SIMMEL, G. Sociologia. Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Revista de Occidente, 1977.

_____. La tragédie de la culture. Paris: Editions Rivage, 1988.

UEXKULL, J. V. Dos animais e dos homens. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1933.

¹ - Agradeço a Bárbara Gonçalves, a Fabrício Barreto e a Jesus Marmanillo pelo apoio na confecção desse ensaio fotoetnográfico





PROTEJA-O
ELE É
VÍTIMA
COMO
VOCÊ

Procuradoria Municipal de Porto Alegre
Secretaria Municipal do Meio Ambiente
UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger
SEDE ADMINISTRATIVA
CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
AUGUSTO CARNEIRO

Procuradoria Municipal de Porto Alegre
Secretaria Municipal do Meio Ambiente
UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger
SEDE ADMINISTRATIVA
CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
AUGUSTO CARNEIRO











